



*As várias facetas da
interdisciplinaridade em
Arqueologia*

CALÇADA DE N^a SR^a DA CONCEIÇÃO LUGAR DA MULHER MORTA (OURÉM, PORTUGAL)

Ana Cruz

Directora do Centro Transdisciplinar das Arqueologias do Instituto Politécnico de
Tomar

Pos-Doutoranda da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
Membro da Unidade de Arqueologia do Departamento de Geologia
da Escola das Ciências da Vida e do Ambiente

Campus da Quinta do Contador – Estrada da Serra
2300-313 Tomar – Portugal

anacruz@ipt.pt

Calçada de N^a Sr^a da Conceição Lugar da Mulher Morta (Ourém, Portugal)

Ana Cruz

Historial do artigo:

Recebido a 30 de setembro de 2017

Revisto a 30 de outubro de 2017

Aceite a 02 de novembro de 2017

Este texto não obedece ao acordo ortográfico aprovado em 2012

RESUMO

O presente artigo reporta-se a um acompanhamento de obra no lugar da Mulher Morta (Freguesia de N^a Sr^a das Misericórdias, Concelho de Ourém). O acompanhamento enquadrou-se na necessidade de repavimentação da Calçada de N^a Sr^a da Conceição, bem como da área envolvente ao Cruzeiro da Mulher Morta. A fazer fé no trabalho de investigação de Ribeiro (2008) e considerando a qualidade autóctone das matérias-primas empregues, este pavimento foi, muito provavelmente, construído em tempos medievos. Os trabalhos arqueológicos constaram do acompanhamento da remoção do betuminoso, limpeza e decapagem da Calçada, observação da técnica de construção da mesma, levantamento fotográfico exaustivo, decalque da epígrafe inscrita no corpo sub-trapezoidal do Cruzeiro e observação do interior da Alminha.

Palavras-chave: Adro, Cruzeiro, Epígrafe, Alminha

ABSTRACT

This paper refers to an archaeological construction monitoring that took place at the Mulher Morta thorp (Parish of N^a Sr^a of Misericórdias, Municipality of Ourém). This monitoring included the need for resurfacing of Calçada de N^a Sr^a da Conceição, as well as the surrounding area of the Stone Cross. According Ribeiro's research (2008) and considering the native quality of the raw materials used, this pave was most probably built by the Middle Age. The archaeological fieldwork consisted on following-up the tar removal, cleaning and pickling of the sidewalk, observation of its construction technique, exhaustive photographic survey, tracing the epigraph inscription in the sub-trapezoidal body of Stone Cross and observation of the "Alminha" inside.

Key-words: Forecourt, Stone Cross, Epigraph, "Alminha"

1. Enquadramento

1.1. Nota Administrativa

A Freguesia de N^a Sr^a das Misericórdias possui uma área total de 40,6 quilómetros, uma população residente de 5.077 indivíduos, 12 Lugares, 2.584 edifícios clássicos, uma ocupação humana de 11%, uma utilização de uso de solo florestal de 40% e uma ocupação agrícola do solo de 17%.segundo os dados recolhidos na web (<http://www.ourem.pt/index.php/municipio/freguesias/n-s-das-misericordias>).

Pertence à Sub-Região do Médio Tejo. Foi no Lugar da Mulher Morta que se desenvolveram os trabalhos que deram origem ao presente artigo, mais especificamente no troço de Calçada de N^a Sr^a da Conceição (vd. Figuras 1. e 2.).



Figura 1. Localização da Calçada N^a. Sr^a. da Conceição. Fonte: Google Earth



Figura 2. Pormenor da Calçada e da área afectada ao Cruzeiro. Fonte: Google Earth.

Na Notícia Explicativa da folha 27 A, Zbyszewski et al. (1974: 6) caracterizam a área do extremo Nordeste como um sinclinal do Cretácico de Vila Nova de Ourém, incluído na bacia hidrográfica da Ribeira de Ceissa, e dos respectivos afluentes entre o Vale de Sobreirais, Atouguia a jusante de Vila Nova de Ourém e a bacia do rio Beselga, localizado entre Fátima e Assentiz.

O Cretácico divide-se em C²⁻³ que forma um grupo de afloramentos nas cumeadas em Ourém, dividindo-se ainda em 2 grupos:

1.1.1. A Norte da Ribeira de Ceissa (Planaltos de São Gens e de Lourinhã);

1.2.2. A Sul - Alto do Castelo de Ourém, Planaltos de Alburitel e de Fontainhas (ZBYSZEWSKI et al., 1974: 13).

Estes formam um complexo de margas e calcários com intercalações gresosas na parte inferior. O nível C²⁻³ é formado por calcários margosos e margas, entre o amarelado e o esbranquiçado, composto por uma grande variedade de fósseis desde o *Corbula bellasensis* e o *Ostrea oremensis* (ZBYSZEWSKI et al., 1974: 16).

1.2. Nota Fisiográfica

A Karsificação é um processo de desenvolvimento da morfologia do karst resultante da dissolução e infiltração subterrânea. O estudo da forma da génese e da dinâmica dos relevos em rochas karsificadas resulta da fraca drenagem à superfície, da fina ou descontínua cobertura do solo e de abundantes depressões. Os processos que convidam ao aparecimento do karst (MARTINS, 1949; TELLES, PESSOA, ALVES, 1997), são:

1.2.1. A Litologia, ou seja, a natureza das rochas, como é o caso dos calcários, mármore ou dolomitos, em resumo, as rochas carbonatadas;

1.2.2. A Estrutura e a Morfologia definem a existência da espessura de rochas solúveis, fissuradas e fracturadas que assim permitem a infiltração da água;

1.2.3. Condições climáticas como é exemplo a precipitação e a temperatura podem provocar precipitação moderada em quantidade suficiente para a criação de condições em que ocorra a dissolução das rochas através do teor do carbonato de cálcio nelas contido;

1.2.4. Tipo de solos, como os estudos pedológicos e edafológicos ou o coberto vegetal contribuem largamente para a infiltração do teor de CO² na água, provocando maiores ou menores galerias ou elementos próprios do karst;

1.2.5. A Amplitude Topográfica, isto é, a altimetria acima do nível médio das águas do mar, pode permitir a livre circulação de águas subterrâneas;

1.2.6. O Tempo, permite a criação de sistemas de drenagem bem desenvolvidos ao estar a água mais ou menos em contacto directo com as rochas criando a saturação de carbonatos, logo, os processos de dissolução e karstificação (MARTINS, 1949; TELLES, PESSOA, ALVES, 1997).

Localizada na categoria da Orla Ocidental e Orla Algarvia, a Orla Ocidental é constituída por rochas sedimentares (calcários, argilas, arenitos), por vezes com inclusões magmáticas e escoadas lávicas (vd. **Mapa Geológico de Portugal, 2010**).

A cumeeada corresponde à implantação do Castelo-Paço dos condes de Ourém, ultrapassa a cota dos 300 metros (vd. Figura 3.),



Figura 3. Perfil que mostra o cume onde está implantado o Castelo de Ourém e a localização da área afectada pelos trabalhos arqueológicos. Fonte: Google Earth

permite, por um lado, destacar-se claramente na paisagem, surgindo como um ponto de referência territorial para as comunidades locais e, por outro, permite alcançar num raio de 360° (vd. Figura 4.),



Figura 4. Vista panorâmica do modelado cársico, envolvente do Castelo de Ourém. Fonte: Ana Cruz, 2016.

vastas áreas quer de vale, quer de serra, podendo desta forma ter tido também como funcionalidade estratégica a de atalaia, tornando possível dar o alerta às populações locais com alguma antecipação e criando tempo para a preparação de defesa relativamente a um qualquer ataque romano, árabe, godo ou cristão (vd. Figura 5.).



Figura 5. Vista exterior do Paço dos Condes de Ourém. Fonte: Ana Cruz, 2016

A área ocupada pelo Paço dos Condes de Ourém é caracterizada geologicamente como C²⁻³ que corresponde ao Turoniano (incluindo as Camadas com “*Pterocera incerta*”). Já a zona onde se localiza o Lugar da Mulher Morta corresponde a C¹⁻², compreendendo o Cenomaniano Inferior, Albiano, Aptiano e Neocomiano (vd. Figura 6.).

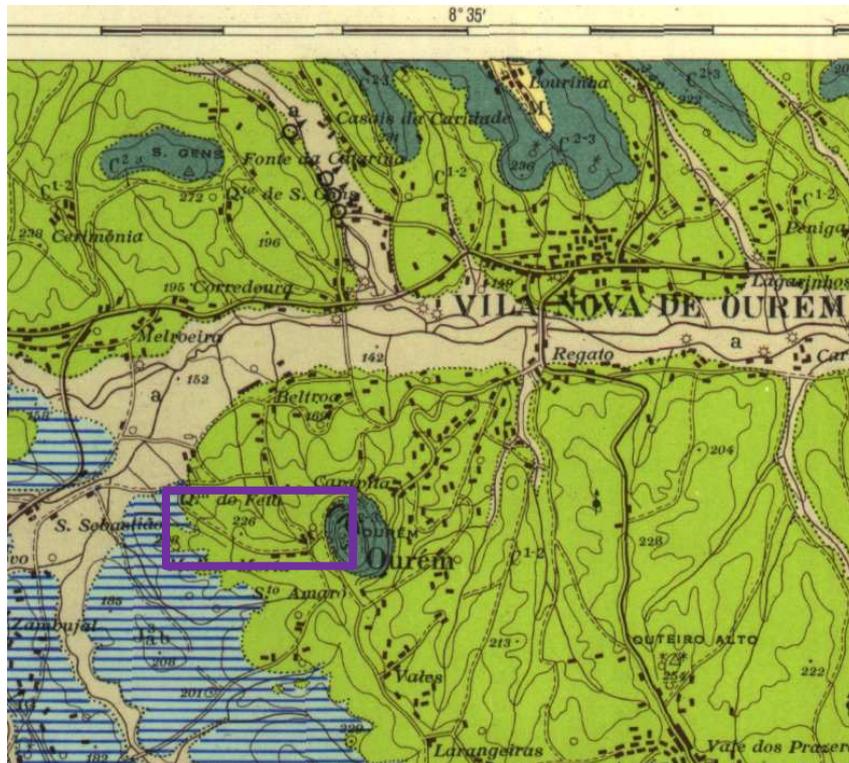


Figura 6. Excerto da Folha 27 A. Fonte: Carta Geológica de Portugal à escala 1:50.000

Na Notícia Explicativa da folha 27 A, Zbyszewski et al. (1974: 6) caracterizam a área do extremo Nordeste como um sinclinal do Cretácico de Vila Nova de Ourém, incluído na bacia hidrográfica da Ribeira de Ceissa e dos respectivos afluentes entre o Vale de Sobreirais, Atouguia e a jusante de Vila Nova de Ourém e a bacia do rio Beselga, localizado entre Fátima e Assentiz.

O Cretácico divide-se em C²⁻³ que forma um grupo de afloramentos nas cumeadas em Ourém, dividindo-se ainda em 2 grupos:

1.2.7. A Norte da Rib^a. de Ceissa (Planaltos de São Gens e de Lourinhã);

1.2.8. A Sul (Alto do Castelo de Ourém, Planaltos de Alburitel e de Fontainhas) (ZBYSZEWSKI et al., 1974: 13).

Estes, são um complexo de margas e calcários com intercalações gresosas na parte inferior. O nível C²⁻³ é formado por calcários margosos e margas, entre o amarelado e o esbranquiçado, composto por uma grande variedade de fósseis desde o *Corbula bellasensis* e o *Ostrea oremensis* (ZBYSZEWSKI et al., 1974: 16). Eles afloramentos situam-se entre Casais de Matos e Calvaria de Cima, correspondendo ao fecho dos afloramentos do sinclinal de Alpedriz-Porto Carro que se encontra perto de Alcobaça. Neste sinclinal alternam os calcários margosos cuja espessura total anda à volta dos 20 metros (ZBYSZEWSKI et al., 1974: 17).

Relativamente ao Cretácio 1-2 observa-se um outro complexo, este gresoso e detrítico, cuja zona inferior se constitui por arcoses e grés caulíferos brancos, amarelados, acastanhados e avermelhados, tornando-se por vezes bastante conglomeráticos. Neste mesmo complexo observa-se a sua sub-divisão em 4 grandes grupos:

1.2.9. A Ocidente da estrada de Alcobaça – Batalha encontramos uma faixa cuja orientação é de SW-NE e que corresponde ao prolongamento do afloramento gresoso do sinclinal de Cos-Juncal (idem: 18);

1.2.10. Vestígios no planalto de Fátima encontram-se numa superfície cársica de formação anterior, localizando-se entre Torre, Reguengo do Fetal, Alqueidão da Serra, S. Mamede, Loureira e Fátima (idem, ibidem). Encontram-se em Reguengo do Fetal grés branco com seixos de grande diâmetro (idem, ibidem);

1.2.11. Entre Vale de Sobreira, Atouguia, Vila Nova de Ourém, Vale de Prazeres e Alburitel estamos perante um extenso afloramento no extremo Nordeste. Formações conglomeráticas surgem nesta região e, ainda mais a Norte de Ourém, seixos e blocos de rochas quartzíticas chegando a atingir os 80 cm de diâmetro (idem, ibidem);

1.2.12. No contacto do bordo Ocidental da Bacia Terciária do Tejo com o Jurássico encontram-se afloramentos estreitos. Já a Oeste de Assentiz, Chancelaria, Alqueidão e Pedrógão e entre Almonda e Moia de Cima os calcários Jurássicos cavalgam o Cretácico, (idem, ibidem).

Em Charruada, o Cretácico constituiu-se estratigraficamente (de cima para baixo) da seguinte forma:

1.2.12. Calcário com seixos;

1.2.13. Conglomerado com cimento calcário e grandes blocos também calcários;

1.2.14. Calcário concrecionado passando a conglomerado com cimento calcário; grés conglomeráticos, acastanhados, com seixos de quartzo e de calcário (ZBYSZEWSKI et al., 1974: 19).

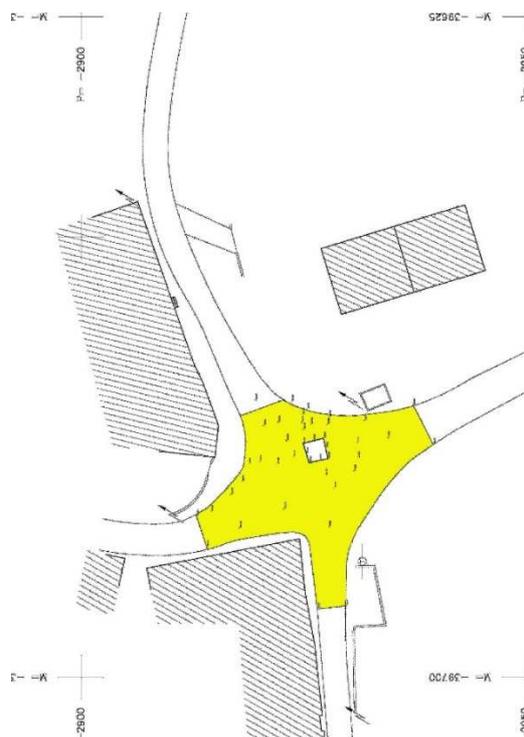


Figura 8. Planta da Encruzilhada do lugar da Mulher Morta. Fonte: Câmara Municipal de Ourém

A variação de cor do solo após a remoção do betuminoso e da limpeza geral da área ocupada pela Calçada na área da Encruzilhada varia nos tons de castanho, vermelho, alaranjado e esbranquiçado. Esta variação depende do grau de remeximento sofrido ao longo dos séculos, do grau de matéria orgânica que circunda a mesma, da própria mineralogia e dos factores tafonómicos já acima mencionados. Contudo, nas zonas não remexidas, ou pouco remexidas, é possível observar uma concentração de óxidos de ferro no solo tornando-os vermelhos ou levemente acastanhados quando ainda permanece alguma matéria orgânica; enquanto a existência de quartzos na sua fracção mineral silicatada ou a existente na fracção fina das argilas os apresenta com coloração clara.

Já os solos classificados como Classe F são esqueléticos, litólicos associados a regossolos, no qual o Horizonte O se acumula sob condições de arejamento livre, demonstrando fraca permeabilidade e porosidade (<https://www.google.com.br/search?q=Carta+Florestal+de+Portugal&biw=1242&bih=602&tbm=isch&imgil=i5n6YQZpwmW09M%253A%253BP6sQ5alWwAhHEM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Fnaturlink.pt%25252Farticle.aspx%25253Fmenuid%2525253D3%25252526cid%2525253D94145%25252526bl%2525253D1&source=iu&pf=m&fir=i5n6YQZpwmW09M%253A%25252CP6sQ5alWwAhHEM%252C%2526usg=s0QT2gpKT8evm6qGykpjM13OiPg%3D&ved=0ahUKewjgg8buqZ7RAhXMfRoKHVQPDGEQyjcInG&ei=WJZnWOn3BMz7adSeslgG#tbm=isch&q=Carta+Capacidade+de+uso+de+solos+de+Portugal&imgrc=2eR5EDRRf0Lq5M%3A>).

Quanto ao coberto vegetal, predomina a floresta mediterrânica composta por azinheira, carvalho cerquinho, carrasco, medronheiro, urze e diversas plantas aromáticas, além das culturas generalizadas por todo o concelho, como a vinha e a oliveira (FONSECA, 2006: 23).

Desta curta análise fisiográfica concluímos que as condições para a ocupação humana duradoura neste local eram largamente propícias.

1.3. Nota Histórica

“Vila Nova de Ourém, freguesia desde 1829, criada vila por D. Maria II, em 5 de Dezembro de 1829, era a antiga povoação chamada ‘Pedála’, depois ‘Aldeia da Cruz’, para onde, após o sismo de 1755, passaram as autoridades de Ourém, pela ruína em que esta tinha ficado. Fica situada na margem esquerda da ribeira de Ourém, na planície, e perto da velha vila abandonada, embrulhada em muros desmantelados no alto do Monte.” (MATOS SEQUEIRA, 1949: 146).

Localizado a cerca de 330 metros de altitude o representante da Arquitectura Civil relacionável com a Calçada de N^a Sr^a da Conceição, é a construção do Castelo e do Paço dos Condes de Ourém: *“O mais antigo documento plástico da arquitectura civil neste distrito é o Paço dos Condes de Ourém, que coroa o cômodo onde se aninhava a velha vila que o terramoto de 1755 levou ao abandono dos seus moradores.”* (MATOS SEQUEIRA, 1949: XXIII).

Ainda segundo este autor, a conotação dada ao Castelo de Ourém é incorrecta considerando que esta construção foi local de habitação dos Condes de Ourém. Este monumento foi alvo de reconstrução no *“quatrocentismo”* com influência *“moirisca”* (idem, ibidem). Com ocupação que remonta à Idade do Bronze (SIPA, 2016) é um espaço que sofreu sucessivas remodelações que passaram pela Arquitectura Militar (Românico - Castelo), Arquitectura Residencial (Gótico e Mudéjar - Paço) e, ainda, Arquitectura de Transição (Torres e Baluarte), (MATOS SEQUEIRA, 1949: XXIII).

Muito embora seja considerado como um monumento cujo Arquitecto é desconhecido, várias são as referências a Arquitectos que poderão ter acompanhado os trabalhos de construção, considerando a proximidade geográfica: Huguet (PEDREIRINHO, 1994: 131), Fernão de Évora (PEDREIRINHO, 1994: 103) (Mosteiro da Batalha); Afonso Pires (PEDREIRINHO, 1994: 191), Martim Anes (PEDREIRINHO, 1994: 55) (Santarém), entre outros.

Foi classificado como Monumento Nacional através do Decreto de 23 de Junho de 1910, tendo sido recentemente enquadrado este conjunto edificado, na Casa de Bragança.

É a partir desta edificação numa cota bastante elevada, sugerindo necessidade de avaliar visualmente a envolvente geomorfológica desta cumeada que encontramos o troço de Calçada de N^a Sr^a da Conceição (vd. **Figura 9.** e **10.**).

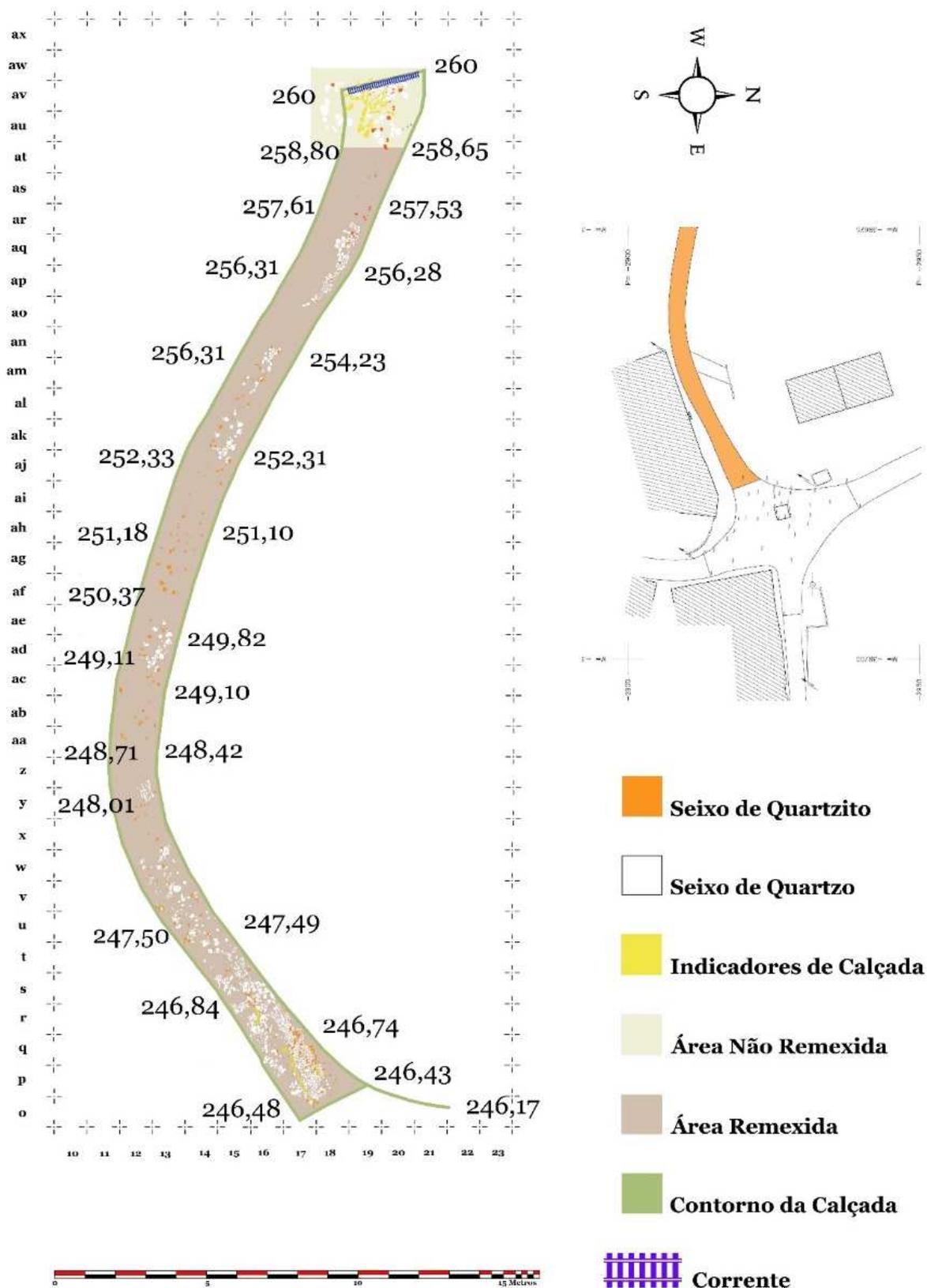


Figura 9. Planta do levantamento arqueológico realizado no troço de Calçada de N^a Sr^a da Conceição. Fonte: Ana Cruz, 2016



Figura 10. Vista do troço de Calçada de Nº Srª da Conceição. Fonte: Ana Cruz, 2016

e da Encruzilhada de caminhos e respectivo Cruzeiro (vd. Figuras 11. e 12.) intervencionados este ano.

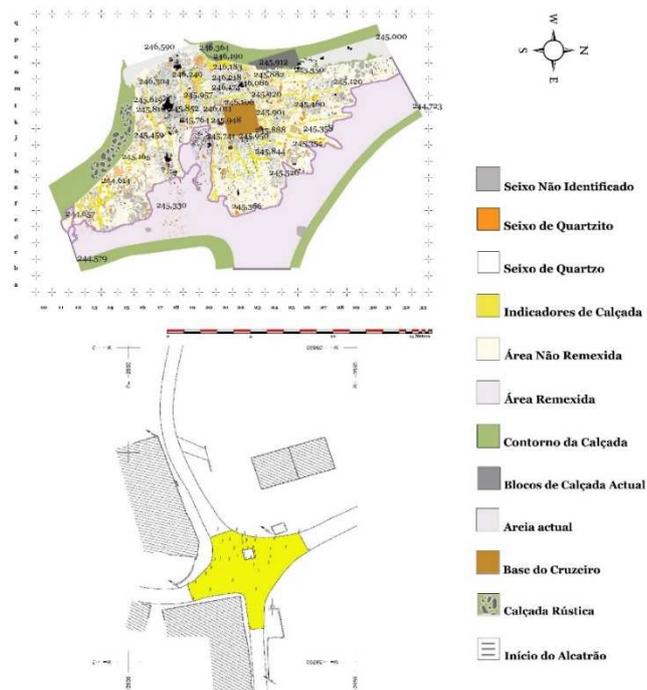


Figura 11. Planta do levantamento arqueológico realizado na Encruzilhada do lugar da Mulher Morta. Fonte: Ana Cruz, 2016

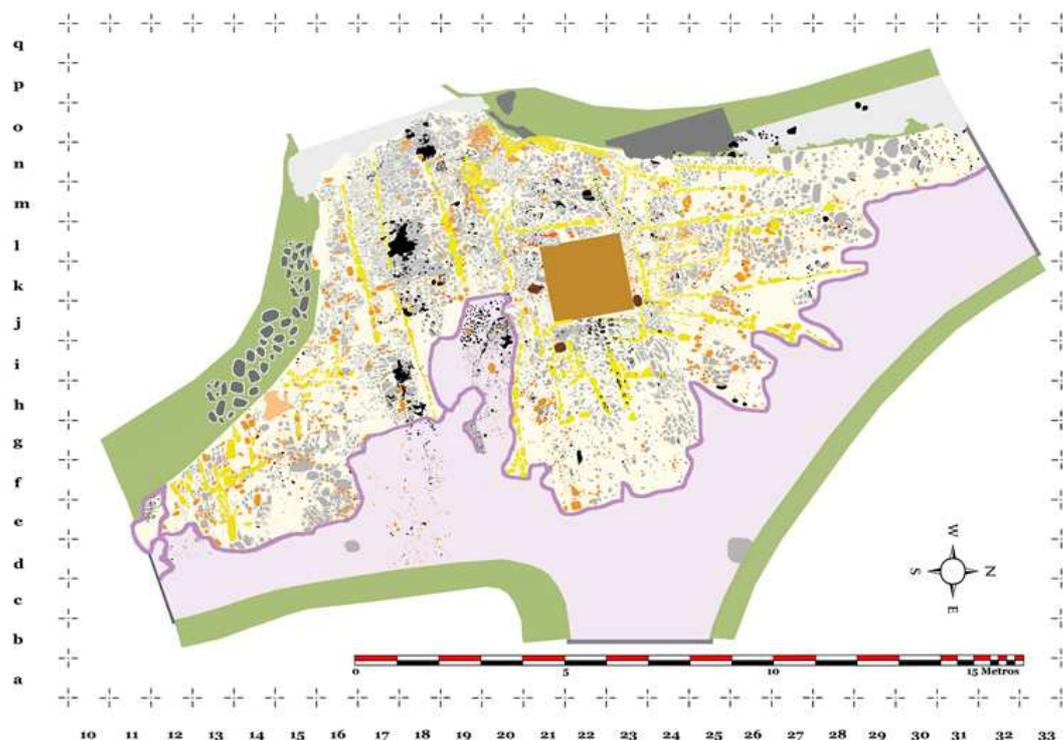


Figura 12. Pormenor do levantamento arqueológico realizado na Encruzilhada do lugar da Mulher Morta. Fonte: Ana Cruz, 2016

2. Objectivos

Neste acompanhamento pretendeu-se proceder a minimização de impacte "(...) na execução de cerca de 862m² de pavimento em calçada grossa, contemplando a área de 480m² que atualmente se encontra em betuminoso (não é área arqueológica, mas pode exigir se se verificarem vestígios). Assim, a área de calçada antiga tem 382m²(...)".

Nesta óptica, os objectivos contemplavam:

- 2.1. Promover uma operação de salvaguarda dos eventuais bens arqueológicos a afectar pelas obras, quer através da sua recolha, quer através do seu registo, através da Arqueologia Preventiva e da Avaliação de Impacte Arqueológico;
- 2.2. Respeitar a legislação que estabelece as bases da política e do regime de protecção e valorização do Património Cultural (Lei n.º 107/2001 – Lei do Património);
- 2.3. Respeitar a legislação a observar na realização de trabalhos arqueológicos (Dec-Lei 270/99 de 15 de Julho – Regulamento dos Trabalhos Arqueológicos).

3. Metodologia

A Metodologia de campo tratou então de duas fases: **A.** Troço de Calçada de N^a Sr^a da Conceição; **B.** Encruzilhada de caminhos onde se encontra o Cruzeiro.

3.1. Relativamente ao Acompanhamento do troço de Calçada os trabalhos seguiram a seguinte ordem metodológica:

3.1.1. Levantamento topográfico;

3.1.2. Montagem móvel dos dois eixos principais das quadrículas, desde o final do troço da Calçada até à corrente de ferro;

3.1.3. Colocação de cavilhas nos pontos mais importantes a topografar a colocar sobre a malha quadriculada “virtual”;

3.1.4. A partir dos dois eixos montados procedeu-se à organização do terreno e à colocação da grelha para fotografar metro a metro todo o troço.

Ainda no plano metodológico, mas desta feita já na Encruzilhada, após a remoção do betuminoso procedeu-se a:

3.1.5. Decapagem de sedimentos para uma melhor observação da técnica construtiva da Calçada nesta área (vd. **Figura 13.**);



Figura 13. Remoção de betuminoso colado às zonas de Enchimento da área Central-Sul da Encruzilhada. **Fonte:** Ana Cruz, 2016.

3.1.6. Registo em ficha de achados e respectiva etiquetagem;

3.1.7. Recolha de vestígios de argamassa de cal aérea;

3.1.8. Croquis das quadrículas em papel quadriculado.

3.2. Relativamente à metodologia empregue no Acompanhamento da Encruzilhada os trabalhos desenrolaram-se da seguinte forma:

3.2.1. Acompanhamento da remoção do Betuminoso em toda a área coberta e definida anteriormente ente a CMO e a empresa de construção civil;

3.2.2. Remoção superficial do granulado de betuminoso e do areão que cobriam a Calçada com enxadadas e grandes vassouras de limpar caminhos;

3.2.3. Decapagem dos sedimentos que se encontravam a cobrir os restos das estruturas e detecção completa do final da calçada (vd. **Figura 14.**);



Figura 14. Limpeza geral da zona Norte da Encruzilhada onde é possível observar as margens e o enchimento da Calçada. **Fonte:** Ana Cruz, 2016

3.2.5. Explicação aos visitantes sobre os trabalhos que estavam a decorrer;

3.2.6. Colocação de protecção de geotêxtil em toda a área com estruturas *in situ*, colocação de areão para sustentar o geotêxtil.

3.3. Toda esta área foi fotografada segundo o mesmo método utilizado para o último troço de Calçada;

3.4. A utilização de uma grelha metálica com um metro de lado, sub-dividida em pequenos quadrados feitos com fio elástico, com equidistância de 10 centímetros, tendo-se colocando um nível de bolha em cada lado da grelha, permitiu que as fotografias tiradas (em cima de um escadote de 3 metros de altura) fossem tiradas na verticalidade muito aproximada aos 90°, tornando assim este trabalho de levantamento completo mais ágil e rápido, e permitindo a não paragem completa da obra, ao mesmo tempo que se desenvolviam os trabalhos

arqueológicos; Apenas a falta de um *drone* nos permitiu o varrimento completo de toda a área de molde a que ficasse registado (vd. Figura 15.).



Figura 15. Exemplo do levantamento fotográfico da Calçada, Fase 1. Fonte: Ana Cruz, 2016

3.5. Optou-se por não eleger uma área específica da Calçada que se encontrava *in situ* para se abrir uma pequena vala estratigráfica considerando que ao longo de toda a área aberta segundo a metodologia Barker – Harris foi possível observar que os seixos de quartzo, quartzito e os blocos de calcários de variadas dimensões se encontravam sobrepostos a uma camada de sedimento local;

3.6. Considerando que não foi montada uma quadrícula física, a numeração da mesma foi realizada arbitrariamente no eixo transversal correspondendo ao Norte-Sul e longitudinalmente correspondendo ao eixo Este-Oeste.

O método utilizado para criar uma quadriculagem que abrangesse as duas áreas a trabalhar partiu da escolha de nomear as quadrículas do troço com respectivamente uma letra (a letra Q, significando quadrado) e numeração romana. Criado este código provisório iniciou-se na banda Oeste o levantamento fotográfico ao qual correspondia a marcação de quadrados em folhas de papel quadriculado. Tendo este método assim preparado criaram-se as primeiras quadrículas acima do alcatrão: QI, QII, QIII, QIV, continuando a sua numeração e fotografia em função dos vestígios físicos de calçada ou de revolvimento da mesma, em direcção à área já intervencionada e protegida mais acima, independentemente das curvas mais ou menos sinuosas do terreno e do grave revolvimento encontrado nesta parcela da via.

Já a numeração das quadrículas da Encruzilhada, seguiu outra metodologia muito à semelhança da intervenção em sítios arqueológicos com planta redonda ou ovalada. A partir da orientação das paredes do Embasamento do Cruzeiro, criaram-se 4 quadrantes: Norte, Sul, Este e Oeste. Assim, a numeração dos quadrados passou por ter a Letra P (em substituição da

letra Q) sendo-lhe acrescentada a respectiva letra de cada um dos pontos cardiais e um número em numeração árabe. O levantamento fotográfico foi executado em fiadas contínuas por cada lado do Embasamento.

4. Materiais de Construção

Há ainda a salientar uma palavra relativamente aos materiais de construção.

Se por um lado, temos materiais que resultam da recolha (seixos em quartzo e quartzito), por outro, reconhecemos materiais que resultam da própria extracção (calcário). A rocha mais abundante é o calcário, mas também o quartzo está muito presente, desde o simples seixo rolado com 5cm de diâmetro até verdadeiros clastos com mais de 50cm de diâmetro ou comprimento.

Para além dos fragmentos de tijolo e telha, integrados numa categoria que poderemos definir como material “Cerâmica, Materiais de Construção”. A sua utilização seria em muito facilitada se o burgo dispusesse nas suas proximidades de jazidas de argila, igualmente importantes para a produção de olarias.

De entre os vários tipos de metais, o ferro terá sido o mais empregue (pregos, tachas, cravos, dobradiças, ferramentas e utensílios, como por exemplo, pás ou martelos) (SOUSA MELO, RIBEIRO, 2012: 133).

A água é utilizada essencialmente como componente de ligação, nomeadamente no fabrico de cal, cerâmica ou argamassas, mas também como elemento para auxiliar o trabalho de outros materiais, tais como a pedra, a madeira e o metal (SOUSA MELO, RIBEIRO, 2012: 136).

A terra terá sido utilizada igualmente como elemento de ligação para argamassas, mas também como material para a pavimentação da Calçada (SOUSA MELO, RIBEIRO, 2012: 146).

Por fim, de referir também o uso de argamassas. Uma argamassa é uma mistura de um material ligante com um outro granuloso. Na Idade Média era usual produzi-la através da mistura de vários materiais, tais como terra, areia, cal, argila e palha, entre outros, sendo categorizada como Argamassa de Cal Aérea, nas evidências definidas aquando do estudo dos “perfis” do embasamento do Cruzeiro. O fragmento de Argamassa de Cal Hidráulica encontrado na zona Sul da Encruzilhada, poderá ter ocupado toda a área, tendo muito provavelmente formado em simultâneo um pavimento sobre a zona de cruzamento de caminhos, mas também um pequeno adro. Este chão de argamassa poderá ser coevo da inscrição epigrafada encontrada no plinto do Cruzeiro (século XVII).

Podemos concluir pela preferência da utilização de matérias-primas locais, o que demonstra um espírito pragmático e expedito das populações medievais, ou se se preferir romano-medievais.

5. Estruturas

Muito do tempo de pesquisa e elaboração deste artigo foi despendido na tentativa vã de classificar esta Calçada segundo o tipo de técnica aplicada na construção deste pavimento, que resultou de uma decapagem cuidadosa e de um levantamento fotográfico exaustivo.

Continuamos, contudo, com a mesma dúvida que se nos colocou em trabalhos de campo aquando da sua limpeza: será que podemos sem delongas considerar esta calçada, segundo a técnica de construção, como medieval, ou deveremos ser cautelosos como a maior parte dos autores consultados e acrescentar-lhe o prefixo “romano”?

A fazer fé no trabalho de investigação de Ribeiro (2008) e considerando a qualidade autóctone das matérias-primas empregues, este pavimento é sem dúvida medieval. Falta pois, deduzir a derradeira dúvida que se prende com a seguinte questão: Se existe de facto em algum momento construtivo deste pavimento (que se prolonga até à cumeada), uma calçada romana? Ou, raciocinando enquanto autóctones (nas franjas do Império), seria possível que as técnicas tipificadas de construção de vias romanas, tenham sido colocadas de lado na sua norma de engenharia, e se tenha simplesmente aproveitado o piso térreo para colocar sobre ele o pavimento em pedra? (vd. **Figura 16.**)



Figura 16. Aspecto da Muralha e de troço de calçada medieval na Rua da Violinha, em Braga. **Fonte:** Ribeiro, 2008: 386.

Parece que só um estudo exaustivo de campo poderá reclassificar as vias em Portugal, pelo menos as locais, para que maiores certezas se tenham. O que tem agora tem lugar é a descrição minuciosa das técnicas empregues (vd. **Figura 17.**)



Figura 17. Panorâmica do início da curvatura da Calçada na zona Norte. Fonte: Ana Cruz, 2016.

Assim, as Figuras 18. e 19. correspondem ao quadrante Norte da Calçada e mostram-nos como o pavimento foi afeiçoado à curva que dá lugar a outra via, desde o entroncamento com o troço de Calçada até à Rua do Cruzeiro.



Figura 18. Zona Norte da Calçada; visível margens, travões e enchimentos específicos para criar uma curvatura na Calçada.

Fonte: Ana Cruz, 2016.



Figura 19. Travão duplo alinhado, em cruz, e Margem indicadora da curvatura da Calçada. Fonte: Ana Cruz, 2016

Ainda na banda Norte (vd. Figura 20.) já em plena zona de curvatura da Encruzilhada (encostada à Alminha), vamos encontrar um pavimento quase “barroco” onde os travões

tomam formas triangulares e quadrangulares para que a curvatura fosse efectuada de forma regular, mantendo a MARGEM para que o centro do pavimento se mantivesse igual no eixo longitudinal, dando depois continuidade a duplicação de MARGENS e do ENCHIMENTO.



Figura 20. Alinhamento das Margens da banda Norte, onde se verifica a posterior colocação do Cruzeiro. Fonte: Ana Cruz, 2016

As Figuras 21. e 22. surgem como a banda Sul, muito mais danificada e com grande ausência de materiais no ENCHIMENTO. De assinalar que é a MARGEM que se apresenta perfeitamente visível até um certo ponto da curvatura direcionando o pavimento para a rua a Sul da Encruzilhada.



Figura 21. Calibração muito irregular do enchimento, zona Sul. Fonte: Ana Cruz, 2016



Figura 22. Zona de prolongamento do troço Sul da Calçada, onde é visível a margem e o enchimento, dando a noção da continuação em paralelo da calçada. **Fonte:** Ana Cruz, 2016

A Figura 23. corresponde já ao quadrante Este, mostrando como as MARGENS possuem um pouco mais do que 1 metro de largura, terminando no início do afloramento calcário fragmentado, e em toda uma grande área remexida, muito provavelmente no século XX.



Figura 23. Pormenor do alinhamento das Margens, Enchimento calibrado, zona Oeste. Fonte: Ana Cruz, 2016

A Figura 24. mostra um pormenor de MARGEM e TRAVÃO que se encontram por debaixo do Cruzeiro, tal como a falta de ENCHIMENTO nessa zona, com o pavimento já a direccionar-se para Sul.



Figura 24. Pormenor de Travão, parcialmente coberto pelo Cruzeiro e cujo Enchimento desapareceu quase completamente. Fonte: Ana Cruz, 2016.

De referir que a duplicação, por vezes quadruplicação, das MARGENS nos leva a pensar que esta forma de pavimentar as “4 esquinas” esteja directamente relacionada com o direccionamento das águas pluviais, havendo mesmo nalguns casos, rebaixamento do ENCHIMENTO (vd. Figura 25.).



Figura 25. “Caleira” que poderia ter direccionado as águas pluviais. Fonte: Ana Cruz, 2016



Figura 26. Lado Oeste da Encruzilhada; são visíveis margens não paralelas, enchimento desproporcionado e travões pouco cuidados. **Fonte:** Ana Cruz, 2016

Uma outra observação a ter em consideração diz respeito aos restauros sistemáticos que este pavimento deve ser sofrido ao longo dos séculos, até ter sido coberto pelo betuminoso.

O que iremos observar nas Figuras seguintes do pavimento da Encruzilhada / Adro são apenas formas de colocação das matérias-primas que se desdobram consoante a sua localização, e que denotam um certo “preciosismo” na composição do pavimento.



Figura 27. Margens, Travões e Enchimento no início da curvatura do quadrante norte. Fonte: Ana Cruz, 2016

Esta foto refere-se ao quadrante Norte e reporta ao contacto entre a área central do troço de Calçada e o limite externo do pavimento, onde se inicia a curvatura da Encruzilhada. Verificamos que não existe uma constante nas medidas entre as MARGENS e os TRAVÕES.

São visíveis a AZUL e a ROXO duas MARGENS que convergem numa zona de ENCHIMENTO, a branco. Esta zona de ENCHIMENTO irá adoçar-se a uma outra zona a VERDE que tem dupla função: ENCHIMENTO E MARGEM. A esta, adossa-se outra MARGEM a AMARELO que dará lugar, por sua vez, a área de ENCHIMENTO. TRAVÃO e ENCHIMENTO terminam em mais duas fiadas de MARGEM, a LARANJA e ROSA, perfeitamente definidas delimitando e preparando a curvatura do pavimento para Este. Apercebemo-nos apenas da existência de uma preocupação em fazer convergir os 3 elementos principais na construção técnica do pavimento por forma a manter integridade da área central da Encruzilhada, com a aparelho na larga curvatura.

Na Figura 28. apercebemo-nos muito melhor da forma como o pormenor que se afunila (CASTANHO CLARO e VERDE VIVO, correspondendo ao ENCHIMENTO e ao TRAVÃO, respectivamente) e alarga (apresentando dois eixos principais que dividem e organizam o espaço a AMARELO, constituindo-se em simultâneo em MARGEM e TRAVÃO, deixando de um dos lados o ENCHIMENTO quadrangular e, no seu oposto, um sub-trapezoidal, a AZUL CLARO) permitindo a permanência da estrutura central com as suas quadrúplas MARGENS e ENCHIMENTOS, por um lado, e o início de novas MARGENS duplas e respectivo ENCHIMENTO, por outro.

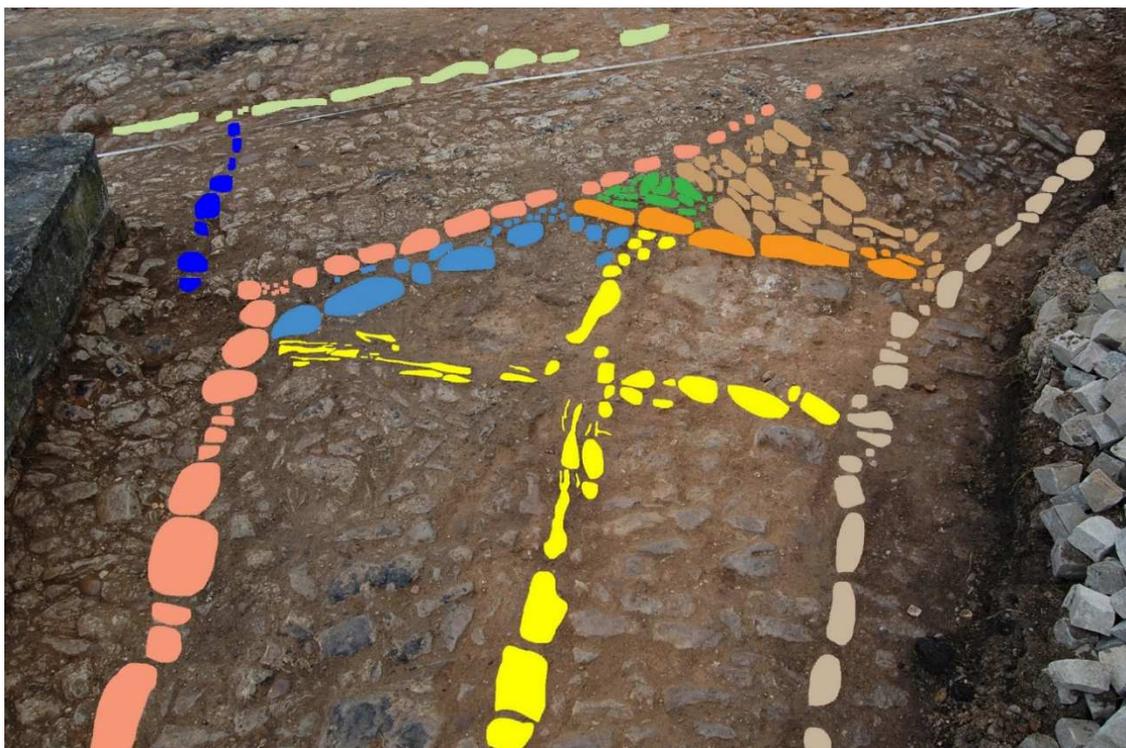


Figura 28. Panorâmica do quadrante Norte, onde é perceptível a zona central do pavimento, a curvatura para Oeste e o reinício da duplicação de margens e enchimento. **Fonte:** Ana Cruz, 2016

Podemos ainda apreciar na Figura 28. a inflexão de ângulo que a MARGEM a ROSA VELHO faz desde que desce a partir do troço de Calçada até à inflexão carenada para Oeste mantendo a sua integridade enquanto categoria. A CASTANHO CLARO verificamos a curvatura que a MARGEM limítrofe desenvolve. A VERDE CLARO observamos a constituição no pavimento das “caleiras” organizadas em MARGENS, que constituem a área central da encruzilhada truncada pelo embasamento do Cruzeiro, e a AZUL FORTE, observamos a existência de mais um TRAVÃO no ENCHIMENTO central.

Esta é uma área na qual o ENCHIMENTO está claramente colocada abaixo das MARGENS-CALEIRAS, uma a AZUL, outra a VERDE (quase fazendo um pequeno vale encaixado) adossadas à curvatura já apresentada nas Figuras anteriores (a CASTANHO CLARO e ESCURO e a MOSTARDA). A margem a ROSA CLARO é resultado de remeximento ou de restauros posteriores à construção original do pavimento.

Na Figura 29. é-nos dado a perceber a continuidade das MARGENS-CALEIRAS (AMARELO e ROSA CLAROS) desde a área central da Encruzilhada avançando em direcção a Sul e, desaparecendo quase completamente, devido ao remeximento que surge na zona de ENCHIMENTO a BRANCO. É visível no perfil do embasamento do Cruzeiro uma fiada de matéria-prima que continua em forma de TRAVÃO, a VERDE, concluindo-se com a linha a AZUL FORTE e a COR-DE-LARANJA.

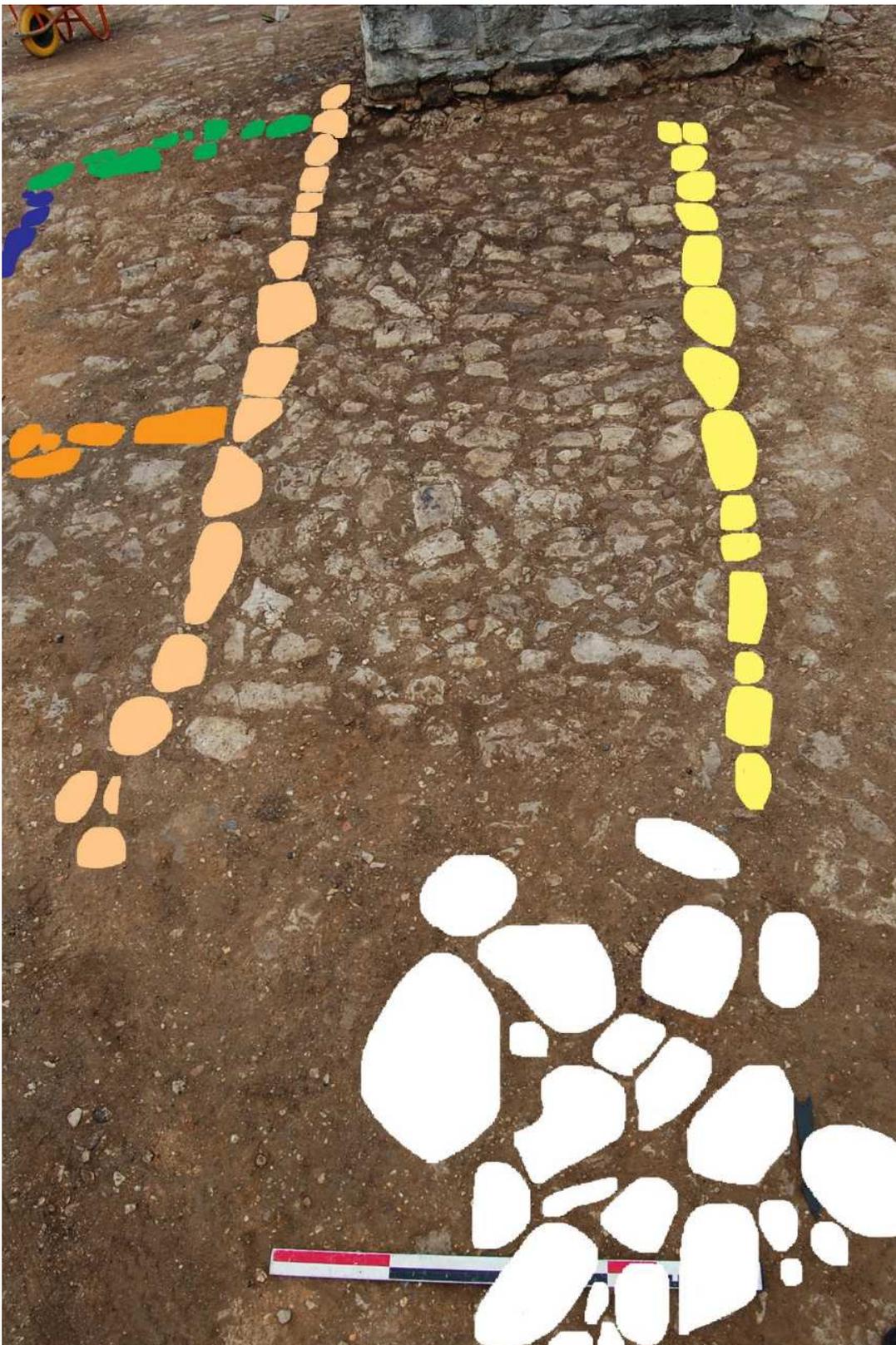


Figura 29. Pormenor do pavimento na sua zona Central -Sul. Fonte: Ana Cruz, 2016



Figura 30. Estruturas da área Central-Sul da Encruzilhada. Fonte: Ana Cruz, 2016

Na Figura 31. observamos a repetição de estruturas com o início da área remexida a surgir a partir da MARGEM marcada a AMARELO.

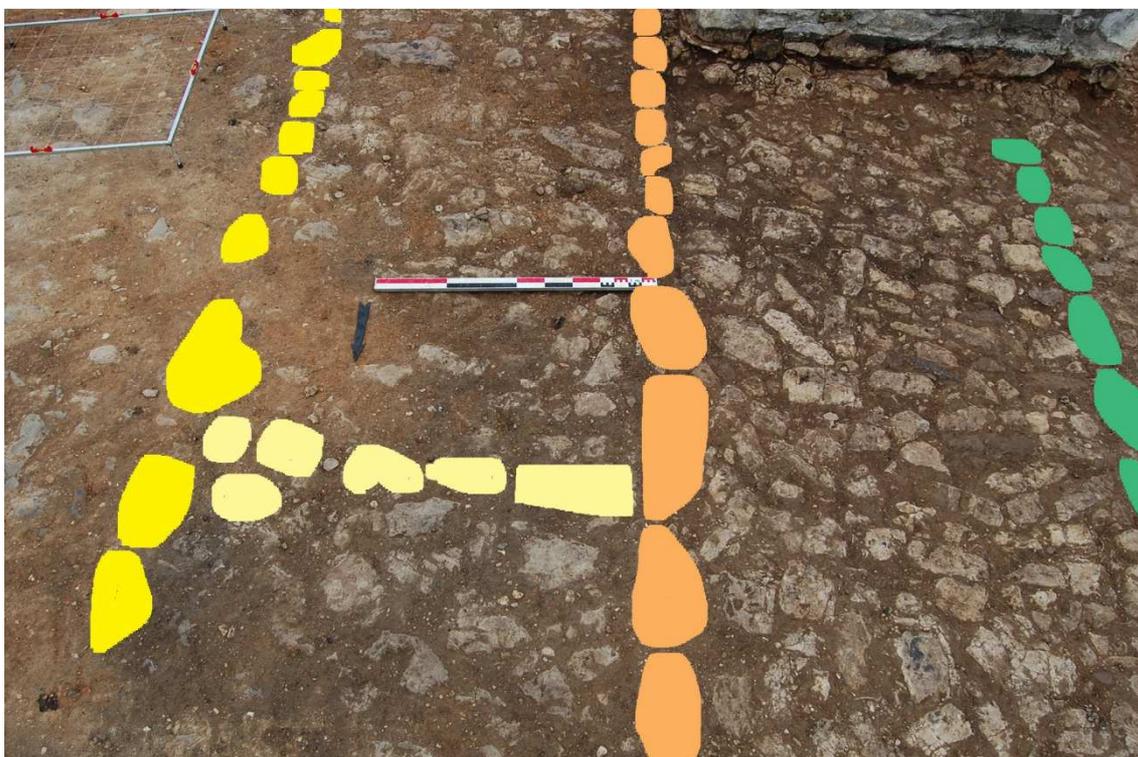


Figura 31. Quadrante Centro-Oeste. Fonte: Ana Cruz, 2016

Na Figura 32. é possível observar na área Central (AZUL FORTE e VERDE BAÇO) a quase convergência de duas numa só MARGEM, desaparecendo devido ao acentuado remeximento. É ainda possível ter uma panorâmica da parte superior da zona Central que não se adequa à zona a partir da qual encontramos o embasamento do Cruzeiro. Todavia, MARGENS, TRAVÕES e ENCHIMENTO, ao surgirem desalinhados relativamente á composição técnica superior, podem ajudar a concluir que houve, num qualquer período de tempo, uma alteração na montagem do painel do pavimento que desajustou a lógica construtiva inicial.



Figura 32. Quadrante Este. Fonte: Ana Cruz, 2016

Na Figura 33. observamos que a MARGEM marcada a AMARELO, demarca uma zona que provavelmente teria continuação à data da sua construção, por debaixo de uma habitação contígua à área coberta pelo betuminoso. Prova disso são os dois travões que aparecem a ROXO e a AMARELO CLARO.

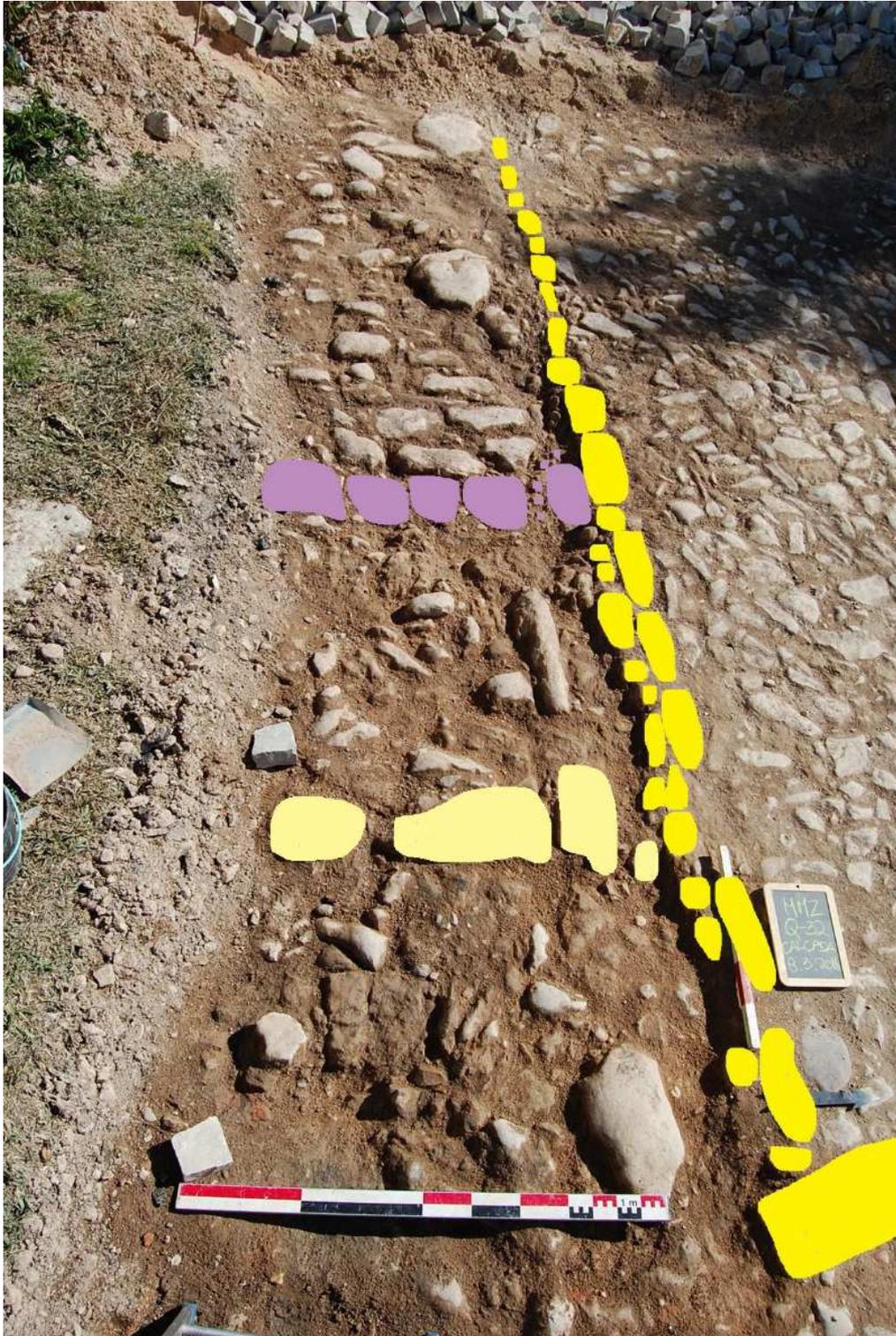


Figura 33. Quadrante Central-Sul. Fonte: Ana Cruz, 2016

Destaque nesta Figura 34. para o início do remeximento, desta feita provocado pelas máquinas e pelo alcatrão colocado directamente sobre o pavimento.

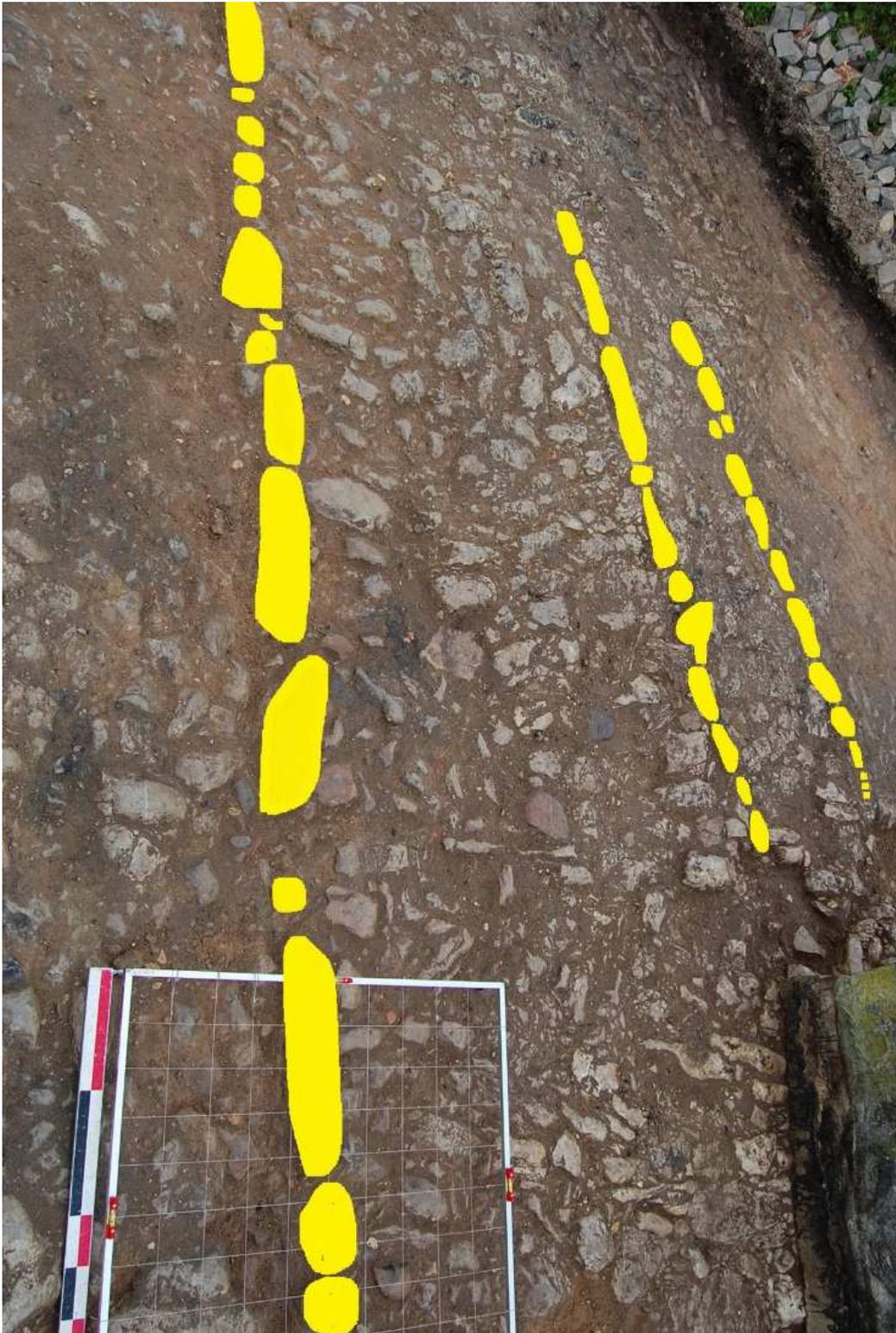


Figura 34. MARGENS-CALEIRAS no quadrante Este. Fonte: Ana Cruz, 2016

6. Achados

Quanto aos parques achados referenciados na **Tabela 1**, decidiu-se pela organização dos mesmos em: a) Materiais de construção (tijolo, telhas, argamassas e metais) independentemente da diacronia; b) Material Doméstico que consta de alguns pequenos fragmentos de loiça utilizada no dia-a-dia que consta de um pequeno fragmento de faiança e de cerâmicas vidradas (vd. **Figuras 35. a 38.**). Os materiais surgiram dispersos, sem qualquer lógica sincrónica ou diacrónica, e por essa razão não foram coordenados tridimensionalmente, ainda que tenham sido incluídos nas Unidades Estratigráficas.

No cômputo geral o material de construção contabiliza os 81 fragmentos, enquanto o material doméstico se fica pelos 18 fragmentos, e um pequeno fragmento de pulseira (?), considerado como adorno.



Figura 35. Fragmentos de loiça doméstica em vidrado verde, faiança, e cerâmica pintada. Fonte: Ana Cruz, 2016



Figura 36. Material em Plástico e fragmentos de vidro que podem ser de garrafas. Fonte: Ana Cruz, 2016



Figura 37. Metais em Ferro (pregos e fragmento indeterminado). Fonte: Ana Cruz, 2016



Figura 38. Material de Construção (telhas, tijolo e argamassa de cal aérea). Fonte: Ana Cruz, 2016

Relativamente às categorias da cultura material foi ainda possível separar 81 fragmentos de material de construção, 18 fragmentos de cerâmica vidrada, 7 fragmentos de peças metálicas em ferro, 4 fragmentos de material plástico, 4 fragmentos de vidro de garrafa e 1 pedaço de argamassa de cal aérea (vd. **Gráfico 1.**). Relativamente à distribuição dos achados exumados por Unidade Estratigráfica verificamos que existe um achado na U.E. 1, 4 na U.E. 2, 21 U.E. 3, 4 na U.E. 4, 3 na U.E. e 4 na U.E. 6.

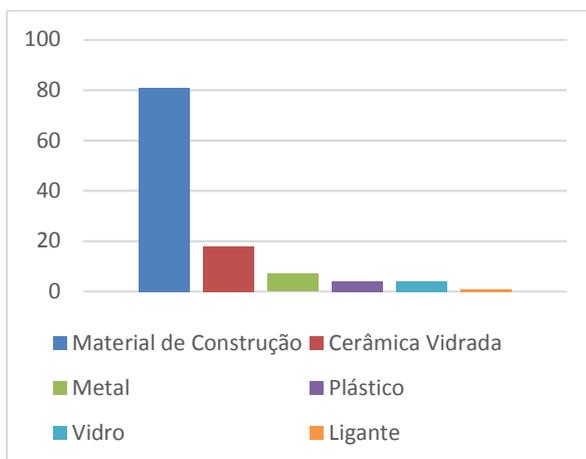


Gráfico 1. Distribuição por tipo dos achados exumados. Fonte: Ana Cruz, 2016

A mistura de cal, areia ou saibro e água, que serve para ligar ou unir as diferentes partes, resulta no que vulgarmente se chama argamassa de cal aérea, um ligante com agregado e nódulos de cal (vd. Figuras 39. e 40.),



Figura 39. Base do Cruzeiro de construção de meados do século XX, perfil Sul. Fonte: Ana Cruz, 2016



Figura 40. Vestígios de Argamassa de cal aérea, na base do perfil do Cruzeiro no lado Norte. Fonte: Ana Cruz, 2016.

Para além deste tipo de argamassa parece existir na Encruzilhada argamassa hidráulica (vd. Figura 41.).



Figura 41. Fragmento Chão de Argamassa Hidráulica húmida possivelmente contemporâneo do Cruzeiro. Fonte: Ana Cruz, 2016.

7. Enquadramento do Edificado

7.1. Troço da Calçada de N^a S^a da Conceição

Como já atrás referimos este troço da Calçada acompanha as curvas de nível e fecha o seu percurso no pavimento posto a descoberto na Encruzilhada de Caminhos / Adro do Cruzeiro.

Importa neste momento fazer uma apreciação sumária dos mesmos uma vez que já se desenvolveu cada tema que importa nos pontos anteriores.

De assinalar que este troço se encontrava profundamente remexido em toda a sua extensão, ainda que no seu troço final fosse já possível observar uma certa organização dos seixos de quartzo. O alinhamento de MARGEM em blocos de calcário, apresenta ainda zonas onde possuía 4 metros de largura, outras em que estes se alargavam até aos 5-6 metros.

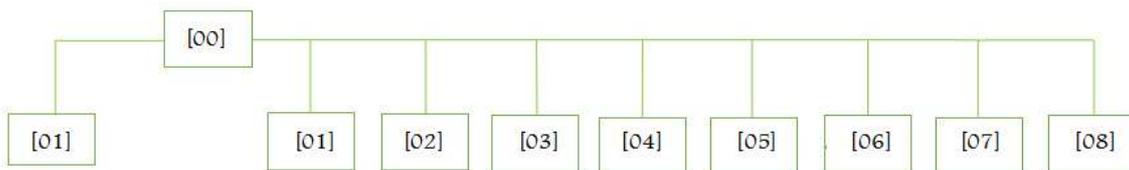
É importante salientar este aspecto tafonómico, uma vez que as áreas que sofreram remeximento humano se encontravam cobertas por brita. A este problema há ainda a acrescentar os acidentes tafonómicos normais nestes casos (raízes, erosão pluvial, antropização, restauros sucessivos, colocação de cabos, alcatrão).

Nas áreas não remexidas foi possível detectar que o pavimento se encontrava colocado directamente sobre o solo pleno de óxidos de ferro que faz já parte do substrato geológico. Esta certeza baseia-se na observação realizada aquando do acompanhamento das “4 esquinas”.

Sobre este troço de Calçada apenas foi possível observar pequenos tufo de erva, estando a mesma completamente a descoberto.

7.2. “4 Esquinas” ou Encruzilhada / Adro

7.2.1. Em planimetria foi possível observar a existência de 8 Unidades estratigráficas, 7 das quais contendo materiais artefactuais.



[00] **Por Cima de.** Tapete de betuminoso. Cailleux T 31.

[01] **Por baixo de, Por Cima de.** Troço de Calçada com uma amplitude em largura que varia entre os 4 e os 21 metros, cuja composição contempla seixos e clastos em quartzo e quartzito e blocos de calcário de diversas dimensões; a variabilidade sobrepôs-se à sua funcionalidade, a saber: MARGEM e TRAVÃO material regularizado e uniforme, ENCHIMENTO com material muito variado em termos de forma e de tamanho. Ocupa a área superior da Encruzilhada, onde se justapõe ao troço de Calçada de N^a Sr^a da Conceição e grande parte das “4 esquinas”. Surge: Fragmento de ferro indeterminado.

[02] **Por baixo de, Por cima de e Ao Lado de.** Área remexida composta por saibro, brita miúda e alcatrão, com graves problemas tafonómicos. Surgem os seguintes materiais: 2 Fragmentos de base de prato (vidrado branco nas 2 superfícies); 2 Fragmentos de corpo de garrafa. Cailleux: K 92.

[03] **Por baixo de, Por baixo de e Ao lado de.** Sedimento muito concrecionado, misturado com alcatrão. Remeximento superficial (6 a 7 cm de profundidade) que surge em várias áreas no pavimento (**vd. Matriz**). Por debaixo do mesmo detectaram-se: Argamassa de cal aérea; Fragmento de base de prato, vidrado branco nas 2 superfícies; Fragmento de base de recipiente, castanho e branco na superfície externa, amarelo claro na interna; Fragmento de bordo redondo recto de alguidar, vidrado verde na superfície externa e branco na interna; 2 Fragmentos de corpo de prato, vidrado branco nas 2 superfícies; Fragmento de corpo de recipiente, azul e branco na superfície interna, branco na externa. Faiança; Fragmento de corpo de recipiente, engobado a vermelho vivo; Fragmento de corpo de recipiente, vidrado verde nas 2 superfícies; Fragmento de ferro indeterminado; Fragmento de fio de pulseira (?); Fragmento de gargalo de garrafa; Fragmentos de 2 pregos em ferro; Fragmento de tijolo contemporâneo; Fragmentos de tijolo burro; Fragmentos de plástico de branco (produtos de higiene PALMOLIVE); Fragmentos de telha moura contemporânea; Tampa de garrafa de plástico de água. Cailleux S 31.

[04] **Por baixo de, Por cima de e Ao lado de.** Sedimento levemente concrecionado. Local onde falta bastante enchimento. Está a 8 cm de profundidade relativamente aos blocos de calcário da MARGEM. Surgem: 2 Fragmentos de prego em ferro. Cailleux P 27.

[05] **Por baixo de, Por cima de e Ao lado de.** Sedimento levemente concrecionado nos interstícios dos seixos de quartzo. Faz parte do ENCHIMENTO. Surgem: Fragmento de base de recipiente translúcido em vidro actual, incisões paralelas na superfície externa lembrando a “falsa folha de acácia”; Fragmento de corpo de recipiente, vidrado verde na superfície externa; Fragmento Indeterminado. Cailleux M 27.

[06] **Por baixo de, Por cima de e Ao lado de.** Sedimento muito concrecionado, misturado com alcatrão. Remeximento superficial (5 cm de profundidade) que surge em várias áreas no pavimento (**vd. Matriz**). Surge: Fragmento de ferro indeterminado; Fragmento de telha moura contemporânea; Fragmentos de tijolo burro. Cailleux N 31.

[07] **Por baixo de, Por cima de e Ao lado de.** Sedimento levemente concrecionado. Local de grande remeximento composto por brita e areão. Ausência de achados. Cailleux L 91.

[08] **Por baixo de, Por cima de e Ao lado de.** Sedimento levemente concrecionado. Falta de enchimento. Surge: Fragmento de telha contemporânea. Cailleux N 39.

7.2.2. Existe uma referência ao Cruzeiro de Ourém sem que o mesmo esteja localizado geograficamente: *“O de Ourém, tem o interesse de estar datado de 1620. A cabeça coroa-se de folhagens sobre as quais assenta uma coroa”* (MATOS SEQUEIRA, 1949: XXXV). Contudo, este cruzeiro localizado no Lugar da Mulher Morta, não mencionado nesta monografia, tão-pouco se assemelha à descrição citada. Necessário se torna ter em conta o plinto epigrafado que nos fornece uma data de 1611.

O material em que o Cruzeiro foi executado condiciona as formas e a técnica escultórica, assim como o tipo de ferramentas e quaisquer meios mecânicos que o escultor possa ter utilizado no seu labor. Dadas as características da pedra de Ançã (calcário de cor clara, branco-amarelada, de granulado muito fino, compacto e homogéneo, bioclástico e calciclástico, de tendência

oolítica com cimento micrítico pouco espatizado) atrevemo-nos a especular que (agora depois de restaurado) este Cruzeiro tenha sido executado neste tipo de calcário, pelo menos até ao plinto, já que o embasamento foi executado por um morador local, o Sr. Joaquim Neves, nos anos 50 do século XX (informação oral).

7.2.3. De forma a evitar uma descrição enfadonha deste elemento decidimo-nos por sintetizar a informação mais importante na tabela que se segue (vd. **Figura 42.** e **Tabela 1.**). Contudo, a confirmar-se as duas datações que surgem conjugadas no Cruzeiro, parece-nos que se a primeira datação de 1605 sendo a mais antiga será a datação originária do Cruzeiro (cuja cruz parece já ter sido restaurada, ou colocada em substituição da anterior) e que a epígrafe de 1611, pouco mais tardia terá duas explicações:

- a) Ou é um fragmento de outro troço epigrafado que foi levado para o Lugar da Mulher Morta;
- b) Ou é uma inscrição para louvar um beneficiador.



Figura 42. Cruzeiro constituído por várias partes ligadas entre si por cimento: Cruz, Coluna, Plinto, Base. **Fonte:** Ana Cruz, 2016

Tipologia	Arquitectura Civil Classicista					
Categoria	Escultura Arquitectónica					
Identificação	Cruzeiro - Grupo Escultórico Agregado					
Autor	Escultor Desconhecido					
Cronologia	Século XVII; século XIX (?), século XX					
Matéria-Prima	Calcário, possivelmente pedra de Ançã (Coimbra)					
Enquadramento	Encruzilhada/Adro do Lugar da Mulher Morta, Ourém					
Descrição Técnica Esculpida	Cruz Latina	Forma unilobada simples, arredondada nos 3 extremos. Está adossada ao Pináculo com um ligante que parece ser cimento	<table border="1"> <tr> <td>Altura Máxima: 60 cm</td> </tr> <tr> <td>Largura Máxima: 38 cm</td> </tr> <tr> <td>Espessura Média: 25 cm</td> </tr> </table>	Altura Máxima: 60 cm	Largura Máxima: 38 cm	Espessura Média: 25 cm
	Altura Máxima: 60 cm					
	Largura Máxima: 38 cm					
Espessura Média: 25 cm						
Pináculo Papiriforme Fechado	<p>Piramidal de base quadrangular, com adoçamento no topo de crânio esculpido em relevo numa das faces, em fundo convexo e liso, as outras faces são preenchidas por losangos, esculpido em médio-relevo, fazendo todo o conjunto lembrar uma pinha.</p> <p>A base do Pináculo surge epigrafada com o que parece ser uma datação, mas que nos foi impossível decalcar ou ler uma vez que só se encontram verdadeiramente letras perceptíveis: como dois N's escritos ao contrário, que poderá querer significar a palavra ANO e, mais abaixo, um M, um D, um C e um V= 1605 (?)</p>	<table border="1"> <tr> <td>Altura Máxima: 80 cm</td> </tr> <tr> <td>Largura Máxima: 25 cm</td> </tr> <tr> <td>Altura da Base: 20 cm</td> </tr> </table>	Altura Máxima: 80 cm	Largura Máxima: 25 cm	Altura da Base: 20 cm	
Altura Máxima: 80 cm						
Largura Máxima: 25 cm						
Altura da Base: 20 cm						
Colunelo Dórico	Capitel dórico de planta quadrangular com entablamento constituído por ábaco e equino	<table border="1"> <tr> <td>Altura Máxima: 12 cm</td> </tr> </table>	Altura Máxima: 12 cm			
Altura Máxima: 12 cm						

			Ø Mínimo:15 cm	
			Ø Máximo: 20cm	
	Fuste dórico simples, de tradição grega, monolítico, secção cilíndrica, com superfície lisa		Altura Máxima: 95 cm	
			Ø Mínimo:20 cm	
			Ø Máximo 40 cm	
	Basamento dórico de planta quadrangular		Altura Máxima: 10 cm	
			Largura Máxima: 40 cm	
	Plinto	Planta sub-trapezoidal, organizada em 3 patamares distintos cujo ligante parece ser cimento. Primeiro patamar do plinto epigrafado	Altura Máxima: Profundidade: Largura Máxima:190 cm	83 cm 190 cm Largura Mínima: 120 cm
	Embasamento	Planta quadrangular	Altura Máxima: 40 cm	
			Largura Máxima: 205 cm	
Estado de Conservação	Irregular (entre o Regular e o Mau). Identificados problemas de: Corrosão, Fractura, Fungos, Lacunas. Ligante em cimento.			

Tabela 1. Sistematização da composição do Cruzeiro. Fonte: Ana Cruz, 2016.

8. Enquadramento Epigráfico

É de referir que as várias tentativas que se fizeram (vd. **Figura 43.** e **Tabela 2.**), para obter uma melhor leitura do epigrafado não resolveram uma leitura limpa e sem dúvidas, depois do Cruzeiro ter sido alvo de processo de restauro.



Figura 43. Epígrafe do início do século XVII. Fonte: Ana Cruz, 2016.

Código da Epígrafe	MM2 – Epígrafe 1 - 2016
Contexto Arqueológico donde provém:	Cruzeiro
Contexto Epigráfico em que se insere:	Inscrição no 1º patamar do Plinto
Tipologia:	Arquitetura Civil (?)
Dimensões:	Altura Máxima: ~20cm; Largura Máxima ~50 cm
Matéria-Prima:	Calcário
Cronologia	1611, inícios do século XVII
Escrita:	Português. Caracteres Latinos Maiúsculos
Altura Média da Letra	7,5 cm
Campo Epigráfico	Delimitação suficiente do campo epigráfico. Gravação em toda a superfície do bloco de calcário. Forma sub-trapezoidal. Mau estado de conservação.
Paginação:	Paginação cuidada. A escrita surge centrada e alinhada em todo o plinto. Os caracteres encontram-se alinhados. Utilização de caracteres inclusivos. Modelo de caracteres estilizados formados por linhas rectas e modelo de capitais monumentais quadradas.
Decoração:	Inexistente.

	Inexistente.
Decalque:	
Leitura Proposta:	ANTONIO / DO / VEI [R][G]A / PAIO / V[E] RO/ D[OM] 1611
Bibliografia:	Inexistente.

Tabela 2. Leitura do epigrafado de pois de limpo. Fonte: Ana Cruz, 2016.

9. O Sagrado

A temática do amor contrariado que acaba em grande tragédia é o mote para o nome do Lugar da Mulher Morta. Ao indagarmos os habitantes do Lugar qual seria a história que estava por detrás deste topónimo, foi-nos contado que: “Há muito tempo atrás havia uma menina-mulher que um dia guardara as cartas que o seu enamorado lhe dirigia no regaço do vestido. Porém, um dia uma das cartas cai ao chão e quando o pai da moça repara e lê o conteúdo da carta, perde a cabeça e mata a própria filha”.

Esta é a justificação para a colocação do Cruzeiro onde podemos observar uma caveira esculpida e a colocação de uma Alminha com cerca e portão de entrada, que é cuidada pelas mulheres habitante do lugar (vd. Figura 44., 45., 46. e Tabela 2.).



Figura 44. Alminha construída para albergar imagem e painel de azulejo a propósito da lenda da “Mulher Morta”. Fonte: Ana Cruz, 2016.



Figura 45. Imagem da Rainha Santa Isabel, oferecida por uma habitante do Lugar da Mulher Morta. Fonte: Ana Cruz, 2016.



Figura 46. Painel de Azulejo mostrando o Arcanjo São Miguel a combater o mal; assinatura de *Estatuária Coimbra*. Fonte: Ana Cruz, 2016.

Tipologia	Arquitetura Religiosa – Alminha com recinto
Cronologia	Indeterminada (século XX ?)
Autoria	Estatuária Coimbra
Representação	Imagem sobre Tema Bíblico. Cena Narrativa Mítica. Alegoria.
Identificação	S. Miguel Arcanjo combatendo o dragão em chamas (ausência do elemento icónico representado pela balança)
Enquadramento Técnico	Imagem pintada sobre azulejo colocado na parede de fundo da Alminha. Cores predominantes: azul e amarelo
Descrição	Pequena “capela” coberta que alberga imagem da rainha Santa Isabel e um painel de azulejo de temática religiosa
Dimensões	Altura Máxima: 60 cm; Largura Máxima: 45 cm

Tabela 3. Painel de Azulejo com temática religiosa. Fonte: Ana Cruz, 2016.

10. Considerações Finais

A implantação geomorfológica da área ocupada pelos trabalhos que decorreram no Lugar da Mulher Morta é de cariz fronteiro natural, onde os calcários do Jurássico Oxfordiano entram em contacto directo com os do Cretácico (ZBYSZEWSKI et al., 1974), sendo apenas intercalados por zonas de aluviões modernas mais para Norte, onde se situa hoje a cidade de Ourém.

Na Carta Arqueológica de Ourém e no Portal do Arqueólogo a existência de vestígios de ocupação humana desde a Pré-História recente, da Proto-História, do período da colonização Romana está já patente, pelo que não surgem dúvidas na classificação *grosso modo* deste sítio como pertencendo ao período Medieval, tendo como referência diacrónica todas as ocupações anteriores e posteriores (PEREIRA, 2006: 171-175; <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/?sid=sitios>).

O que está por determinar, ainda que não fosse esse o objectivo destes trabalhos de acompanhamento de obra, é a dimensão e o alcance do leque de continuidade de ocupação humana desde períodos como as Idades do Bronze e do Ferro, relativamente aos exemplos sistematicamente reclamados desta Calçada, ser herdeira do período Romano devido à ocupação da cumeada pelos romanos (BERNARDES, 2007: 84).

Bernardes (2007: 86-88) refere que o actual território, hoje administrativamente pertencente a Ourém, se encontrava dividido entre *Sellium* (Tomar) e *Collippo* (entre Batalha e Leiria), encontrando-se a extrema na linha divisória entre o Rio Liz e o rio Nabão.

Pensamos que não se deve colocar esta hipótese de parte, da mesma forma que não devemos pensar que até à “chegada” dos Romanos não tenha existido arquitectura típica da Idade do Bronze e da Idade do Ferro, no território administrativo que é hoje Portugal. De igual forma nos parece que, após a construção desta via em tempos medievais, a mesma pode ter continuado a ser conservada de molde a ter chegado até aos nossos dias, nem sempre na melhor das condições de conservação.

É pois, muito possível que possamos classificar esta via como uma via local/regional que ligava a ocupação humana fortificada e de cumeada com outros núcleos habitacionais e laborais subsidiários em termos agrícolas e, de execução de produtos secundários a partir dos animais guardados em redil, de matérias orgânicas ou de variado tipo de artesanos.

Esta via que agora nos surge como Lugar, pode remontar aos tempos de encastelamento da Idade do Bronze, tendo sido aperfeiçoada ao longo dos séculos como os artefactos exumados na Encruzilhada o demonstram; materiais que se mesclam numa diacronia alargada. É também possível que a construção original deste troço de Calçada tenha sofrido momentos de recuperação e de manutenção que nos dão uma ideia distorcida das técnicas utilizadas na construção, quer na Baixa Idade Média, quer já na Alta, ou em períodos da Idade Moderna como atesta a epígrafe do Cruzeiro.

Todavia, não será de colocar de parte a possibilidade desta via se ligar com outras vias criando uma ramificação radial em função das necessidades comerciais, políticas ou religiosas das várias épocas, acumulando em si também a designação de via regional.

Os tempos do Ermamento poderão ter sido decisivos nesta designação, ligando o Castelo de Ourém a outras fortificações militares dos Templários, mantendo *grosso modo* a sua integridade que, só virá a ser parcialmente destruída, em tempos contemporâneos. O encastelamento que poderá ter-se tornado numa iniciativa militar que, posteriormente, será reaproveitado por iniciativa condal, num reflexo, sem dúvida, da concentração do poder administrativo-militar no Rei que o redistribuiu pelos seus suseranos.

João Baptista de Castro, publica em 1763, o mapa de Portugal onde se referenciam as duas vias que ligavam Coimbra a Santarém, uma delas passaria por Leiria e a outra passaria por Chão de Maçãs, prova de que os caminhos do século XII continuavam a ser utilizados (RODRIGUES, 2007: 572).

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à *Câmara Municipal de Ourém* (Doutora Ana Saraiva, Helena Antunes, Sónia Santos, Rute Carvalho, Sérgio Oliveira, José Manuel Sousa, José Paulo Vieira e João Conde), à *Ourém Viva* (José Abreu, Leonor da Silva), ao *Instituto Politécnico de Tomar* (por fornecer toda a logística necessária a este acompanhamento) e à *Empresa António Emílio Gomes & filhos, Ltª*. (Jorge Mendes, Ivo Lopes, Jorge Pereira, João Ramos, Cândido Ribeiro, Filipe Reis, António Jorge Carreira e João Filipe).

BIBLIOGRAFIA

ADAM, J. P. - **La Construction Romaine: Materiaux et Techniques**. Paris: s/ed., 1989.

ALMEIDA, C. - **Vias medievais de entre Douro e Minho**. Dissertação de Licenciatura em História apresentada à Faculdade de Letras do Porto. Porto: Universidade do Porto, 1968.

AMORIM, J. - **Pontes romanas e medievais, aprender a distinguir e conservar**. s/l.: Euedito, 2010.

BARROCA, Mário Jorge - **Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422). Corpus Epigráfico Medieval Português**. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia. Vol. II, Tomo II, 2000. ISBN 972-31-0869-0.

BATATA, Carlos - **As Origens de Tomar - Carta Arqueológica do Concelho**. Tomar: Câmara Municipal. 1997, 358 pgs.

BATATA, Carlos; GASPAR, Filomena - Um troço de estrada Romana inédito. **Boletim Cultural da Câmara Municipal de Tomar**. Tomar: Câmara Municipal de Tomar n. 16, 1992, p. 78-86.

BERNARDES, João Pedro - **A ocupação romana na região de Leiria**. Departamento de História, Arqueologia e Património, Centro de Estudos, de Património, Universidade do Algarve, Promontoria Monográfica, Vol. 06, 2007, 268 p.

CAAMAÑO GESTO, J. - Aportaciones al estudio de las vias romanas. **Minia**. Braga: Livraria Editora Pax. 2^a série, nº1, 1978, p. 80-98.

CARVALHO, Maria João Vilhena de - **Normas de Inventário. Escultura. Artes Plásticas e Artes Decorativas**. Lisboa: Direcção de Serviços de Inventário/Instituto Português de Museus, 2004. ISBN 972-776-727-9.

CORDEIRO DE SOUSA, J. M. - Apontamentos de Epigrafia Portuguesa. **Cadernos de Arqueologia e Arte**. Coimbra: Institutos de Arqueologia e de História de Arte. Faculdade de Letras de Coimbra, Vol. 3, 5^a edição, 2013. ISBN 978-972-9004-27-8.

CASTRO, A. - Grau de desenvolvimento material e tecnológico dos transportes. A evolução económica de Portugal dos séculos XII a XV. **Portugália**. Lisboa: Portugália Editora, vol. IV, 1964, p. 189-314.

CASTRO, A. - Desenvolvimento das actividades produtivas. In SARAIVA, J. H. (dir.) - **História de Portugal**. Lisboa: Publicações Alfa, vol. II, 1983, p. 209-222.

CAVAILLÈS, H. - "La route française". **Étude de Géographie Humaine**. Paris: Librairie Armand Colin, 1946, p. 13-34.

D'ENCARNAÇÃO, José - **Estudos Sobre Epigrafia**. Coimbra: Minerva, 1998.

FERREIRA, Maria João; DUARTE, Teresa - O urbanismo medieval na cidade de Tomar. **Boletim Cultural da Câmara Municipal de Tomar**. Tomar: Câmara Municipal de Tomar, nº 16, Março 1992, p. 123-149.

FONSECA, Paulo - Concelho de Ourém - Enquadramento geográfico. **Carta Arqueológica do Concelho de Ourém**. Ourém: Edição da Câmara Municipal de Ourém, 2006, p. 21-24.

MAIA, Manuel - De Baesuris a Pax Iulia por Arannis. *Actas das I jornadas: as vias do Algarve da época romana à actualidade*. São Brás de Alportel: Câmara Municipal de São Brás de Alportel, 2006, p. 39-45.

MANTAS, Vasco Gil Soares - A Rede Viária do Convento Escalabitano. *Actas do Simposio La red viaria en la Hispania romana*. Zaragoza: Centro de Estudios Turiasonenses, Institución Fernando el Catolico, 1990, p. 219-239.

MARTINS, Alfredo - **Maciço Calcário Estremenho. Contribuição para um estudo de Geografia Física**. Coimbra: s/ed., 1949.

MATOS SEQUEIRA, Gustavo de - **Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Santarém.** Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, Vol. III, 1949.

MONTEIRO, Helena Patrícia Romão - **A Estrada da Beira: reconstituição de um traçado medieval.** Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas para obtenção do grau de Mestre. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2012.

MORENO GALLO, Issac - **Vías Romanas. Ingeniería y Técnica Constructiva.** s/l.: Ministério do Fomento. Centro de estudos Históricas de Obras Públicas. 2006, p. 91-133.

PEDREIRINHO, José Manuel - **Dicionário dos Arquitectos. Activos em Portugal do século I à actualidade.** Porto: Edições Afrontamento. s/d. ISBN: 972-36-0348-9.

PEREIRA, Jaqueline - **Carta Arqueológica do Concelho de Ourém.** Ourém: Câmara Municipal de Ourém. 2006, 221 p.

REI, Seara - **Relatório Final dos Trabalhos Arqueológicos, Nas Calçadas do Centro Histórico de Ourém, da Carapita e da Mulher Morta (CCH.11).** Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural, 2015.

RIBEIRO, Maria do Carmo Franco - **Braga entre a época romana e a Idade Moderna.** Dissertação apresentada à Área de Conhecimento de Arqueologia da Paisagem e do Povoamento para obtenção do grau de Doutor. Braga: Universidade do Minho, 2008.

RODRIGUES, David Simões - **Seiça: a terra e o povo.** Ourém: Câmara Municipal de Ourém, 2007.

ROMÃO, João Maia - **No enalço do passo do Homem medieval: as vias de comunicação do antigo termo e atual concelho de Tomar.** Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas para obtenção do grau de Mestre. Universidade Nova de Lisboa, 2012.

SARAIVA, Ana; GRAÇA, Ana Marta; SEQUEIRA, Ana - Património Arquitectónico e Arqueológico. V. Conjuntos Arquitectónicos. In ALHO, José Manuel (coord.) **Revisão do Plano Director Municipal de Ourém. Estudos de Caracterização e Diagnóstico.** Ourém: Câmara Municipal de Ourém, Vol. VIII, 2012.

SOUSA MELO, Arnaldo; RIBEIRO, Maria do Carmo - Os Materiais Empregues nas Construções Urbanas Medievais. O Contributo Preliminar para o Estudo da Região do Entre Douro e Minho. In SOUSA MELO, Arnaldo; RIBEIRO, Maria do Carmo (coord.) – **História da Construção. Os Materiais.** Braga: CITCEM/LAMOP, 2012, p. 127-166. ISBN: 978-989-8612-02-1.

SOUSA VITERBO, Francisco Marques de - **Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores Portugueses. Reprodução em fac-símile do exemplar com data de 1899 da Biblioteca da INCM.** Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1988, 3 Vols. ISBN 12-610-477.

TELLES, Gonçalo Ribeiro; PESSOA, Fernando; ALVES, Afonso - **Portugal, Paisagens e Espaços Naturais.** Barcelona: Emege Industrias Gráficas S.A.,1997.

DOCUMENTOS ELECTRÓNICOS

CRUZ, Ana - Intervenção Arqueológica de Emergência na Igreja Mtariz de Tancos. In CRUZ, Ana (coord.) Antrope Monográfica. "Conhecer para Preservar. Conhecer para Divulgar. Carta-

Galeria Arqueológico-Histórica do Concelho de Vila Nova da Barquinha". Tomar: Centro de Pré-História - Instituto Politécnico de Tomar. nº 2 (Dezembro), p. 131-161, 2014. Disponível na WWW:<URL: http://www.cph.ipt.pt/download/AntropeDownload/2_2014Serie%20Monografica/carta-arqueologica_VNB-versao-web.pdf.> ISBN: 978-972-9473-83-8. ISSN: 2183-1386. Nº de Folio Latindex 23611.

DIREÇÃO GERAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL - Portal do Arqueólogo. Mulher Morta [Em linha]. Lisboa: DGPC. [Consultado a 30 Novembro 2016]. Disponível na WWW: <URL: <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/?sid=sitios.resultados&subsid=2602845>>

MUNICÍPIO DE OURÉM - FREGUESIAS - [Em linha]. [Consultado a 30 Novembro 2016]. Disponível na WWW: <URL:<http://www.ourem.pt/index.php/municipio/freguesias/n-s-das-misericordias>>

SISTEMA DE INFORMAÇÃO PARA O PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO - Castelo de Ourém, Paço dos Condes de Ourém. [Em linha]. Lisboa: DGPC. [Consultado a 26 Dezembro 2016]. Disponível na WWW: <URL: http://www.monumentos.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6401>

CARTOGRAFIA

ATLAS DIGITAL DO AMBIENTE - Capacidade de Uso dos Solos. escala 1: 1000.000. [Em linha]. Lisboa, 2002 [Consultado a 26 Dezembro 2016]. Disponível na WWW: <URL: <https://www.google.com.br/search?q=Carta+Florestal+de+Portugal&biw=1242&bih=602&tbm=isch&imgil=i5n6YQZpwmW09M%253A%253BP6sQ5alWwAhHEM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Ffnaturalink.pt%25252Farticle.aspx%25253Fmenuid%2525253D3%25252526cid%2525253D94145%25252526bl%2525253D1&source=iu&pf=m&fir=i5n6YQZpwmW09M%253A%2525252CP6sQ5alWwAhHEM%2525252C&usg=s0QT2gpKT8evm6qGykpjM13OiPg%3D&ved=0ahUKEwjpg8buqZ7RAhXMfRoKHVQPDGEQyicIng&ei=WJZnWOn3BMz7adSesIlgG#tbm=isch&q=Carta+Capacidade+de+uso+de+solos+de+Portugal&imgrc=2eR5EDRRf0Lq5M%3A>>

CARTA FLORESTAL DE PORTUGAL – escala 1: 1000.000. [Em linha]. Lisboa [Consultado a 26 Dezembro 2016]. Disponível na WWW: <URL: <https://www.google.com.br/search?q=Carta+Florestal+de+Portugal&biw=1242&bih=602&tbm=isch&imgil=i5n6YQZpwmW09M%253A%253BP6sQ5alWwAhHEM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Ffnaturalink.pt%25252Farticle.aspx%25253Fmenuid%2525253D3%25252526cid%2525253D94145%25252526bl%2525253D1&source=iu&pf=m&fir=i5n6YQZpwmW09M%253A%2525252CP6sQ5alWwAhHEM%2525252C&usg=s0QT2gpKT8evm6qGykpjM13OiPg%3D&ved=0ahUKEwjpg8buqZ7RAhXMfRoKHVQPDGEQyicIng&ei=WJZnWOn3BMz7adSesIlgG#tbm=isch&q=Carta+de+Vegeta%C3%A7%C3%A3o+de+Portugal&imgrc=gl6bwG61bcAb6M%3A>>

CARTA HIDROGEOLÓGICA. escala 1: 1000.000. [Em linha]. Lisboa [Consultado a 26 Dezembro 2016]. Disponível na WWW: <URL: <http://floradaserradaboaviagem.blogspot.pt/2012/11/flowers-of-south-west-europe-revisited.html>>

ENGEOweb – Carta Geológica de Portugal. escala 1: 1000.000. [Em linha]. Lisboa: LNEG, 2010. [Consultado a 26 Dezembro 2016]. Disponível na WWW: <URL: <https://alemdasaulas.files.wordpress.com/2010/10/resumo-do-mapa.jpg>>

NATURLINK - A Floresta e os Florestais na História de Portugal. Zonas de Predominância de Carvalhos. escala 1: 1000.000. [Em linha]. Lisboa [Consultado a 26 Dezembro 2016]. Disponível na WWW: <URL: <http://naturlink.pt/article.aspx?menuid=3&cid=94145&bl=1>>

